

## PE VAZ: UMA AUSÊNCIA PRESENTE

Fernando Rey Puente  
FAFICH-UFMG

**P**or ocasião da comemoração do octogésimo aniversário do Pe. Lima Vaz, em agosto de 2001, tive a oportunidade de apresentar uma comunicação que abordava o tratamento que o tema da *philia* em Aristóteles recebe na obra do homenageado<sup>1</sup>. De lá para cá, tudo mudou. A finitude humana interveio abruptamente, interrompendo um vínculo de amizade entre mim e o Pe. Vaz que prometia crescer e amadurecer. De uma festiva homenagem em 2001 comemorando os seus oitenta lúcidos e produtivos anos, hoje, em maio de 2003, lembramo-nos da ausência do amigo, e deste modo pretendemos prestar uma pequena homenagem à sua memória. A morte interpôs-se entre nós e ele. Entretanto, nós continuamos vivos, e agora é com a sua ausência, e não mais com a sua presença, que teremos de nos haver. Se naquele momento servi-me de Aristóteles para desenvolver algumas idéias e analisar algumas referências sobre o tema da amizade na obra do Pe. Vaz, hoje afasto-me de Aristóteles, para quem a morte não parecia ser nada mais do que uma simples ocorrência biológica<sup>2</sup>, e me aproximo dos pitagóricos, tal como foram interpretados por Simone Weil.

<sup>1</sup> Cf. Breves considerações sobre o tema da *philia* em Aristóteles na obra de H. C. de Lima Vaz, in JOÃO A. MAC DOWELL (org.), *Saber filosófico, história e transcendência*, São Paulo, Loyola, 2002, 41-47.

<sup>2</sup> Acerca dessa temática em Aristóteles, remeto ao meu artigo: A morte como término, mas não como finalidade da vida em Aristóteles, *Síntese*, v. 29, n. 93 (2002) 95-102.

Talvez seja até mesmo oportuno utilizar-me de uma filósofa ausente do pensamento de Lima Vaz para rememorar a sua própria ausência. Essa escolha, contudo, não é meramente casual. Primeiro porque, do ponto de vista pessoal, eu já havia inquirido o Pe. Vaz, em nossa longa e profícua correspondência, do porquê dessa ausência, e mesmo lhe solicitado que tratasse do pensamento de Simone Weil, especialmente ao abordar a relação entre mística e política, por saber que deste modo muitas pessoas que a desconheciam poderiam atentar para a sua profunda e original obra filosófica, infelizmente ainda tão pouco conhecida ou mesmo ignorada em nosso meio acadêmico. Mencionei essa ausência em uma das primeira cartas que lhe escrevi, provavelmente nos últimos dias de janeiro de 1994, pois a sua resposta, sempre ágil e generosa, data de 3 de fevereiro de 1994. Nela, comentando as minhas observações sobre a sua importante obra *Antropologia Filosófica*, e respondendo à minha pergunta do porquê da exclusão de Simone Weil, ele se justifica dizendo que “o fato de não ter citado Simone Weil é puramente acidental: já lá se vão umas três décadas desde quando li algo dessa extraordinária pensadora e admirável figura humana. Mas depois não tive mais oportunidade de voltar à sua obra”. Voltei a chamar a sua atenção para esta ausência, desta vez publicamente, em uma nota de um artigo sobre S. Weil e F. Nietzsche que publiquei na *Síntese*<sup>3</sup>. Várias outras vezes, pública ou pessoalmente, tive oportunidade de lhe indagar sobre o seu silêncio em relação à obra de Simone Weil que, em muitos aspectos me parecia vir a complementar algumas análises contidas nas obras do próprio Pe. Vaz. Em sinal de seu interesse, suscitado por mim e por uma amiga dele, a Professora Maria da Penha Villela-Petit, ele me comunicou naquela ocasião que começaria a adquirir as obras completas dessa autora, que encontram-se atualmente em curso de publicação na França, para a biblioteca do Instituto Santo Inácio, que ele, como todos sabemos, pouco a pouco e sem maiores alardes transformou em uma das melhores e mais atualizadas bibliotecas de filosofia do Brasil e talvez da América Latina.

Hoje, então, tentarei, em memória do amigo ausente, tratar da amizade sob um outro ângulo, a saber, precisamente o da ausência, a partir das densas e originais reflexões de Simone Weil sobre esses temas. Desde a morte do Pe. Vaz, ocorrida em maio do ano passado, pude experienciar concretamente o que significa a perda de um amigo. Em decorrência dela, o horizonte que dá nome a esta cidade em que nos encontramos tornou-se-me mais estreito e menos belo. Fico pensando nas conversas que não cheguei a ter com o Pe. Vaz, na maior intimidade pessoal que não tivemos condições de criar, talvez por falta de tempo, pela grande diferença etária entre nós ou simplesmente pelas vicissitudes da vida e de nossas atividades docentes e de pesquisa. Todavia, suas cartas permanecem, íntimas e pessoais, colmando o hiato da sua ausência com a presença sutil e erudita de um diálogo que agora, sei-o com pesar e tristeza, não mais poderei ter.

---

<sup>3</sup> Cf. Simone Weil, F. Nietzsche e a Grécia, *Síntese*, v. 22, n. 68 (1995) 25-51 (refiro-me à nota 77).

Essa experiência da perda de um amigo, essa súbita interrupção de um diálogo pelo desaparecimento de meu interlocutor, levaram-me a repensar uma passagem de um texto de Simone Weil que desde a primeira vez que o li, há quase duas décadas, muito me impressionou e que só depois da perda real de um amigo passaram a fazer-me ainda mais sentido. Simone Weil dizia que há duas formas de amizade: o encontro e a separação, esclarecendo, a seguir, que elas eram indissolúveis, pois “ambas encerram o mesmo bem, o único bem, a amizade. Porque quando dois seres que não são amigos estão próximos, não há encontro. Quando estão afastados, não há separação”<sup>4</sup>. A fim de tentar compreender melhor essa idéia, analisemos primeiramente as reflexões de Simone Weil sobre a amizade.

Sobre essa temática, Simone Weil refletiu principalmente em seus belíssimos e profundíssimos ensaios “Formes de l’amour implicite de Dieu” e “Commentaires de textes pythagoriciens”, ambos escritos em 1942, portanto, um ano antes de sua morte, bem como em muitas outras observações esparsas, feitas no correr dos anos e contidas em seus *Cahiers*.

Segundo ela, há três formas de amar a Deus de modo indireto, ou seja, de amá-lo sob alguma manifestação sensível. Essas são: o amor às cerimônias religiosas, à beleza do mundo e ao próximo. A esses três formas de amor, Simone Weil acrescenta o amor aos amigos. A cada uma dessas formas encobertas ou implícitas de amor a Deus ela dedicou várias páginas luminosas. Detenhamo-nos, em seguida, apenas em suas percucientes observações acerca da amizade.

Simone Weil começa definindo a amizade como “um amor pessoal e humano que é puro e encerra um pressentimento e um reflexo do amor divino”<sup>5</sup>. Ela, logo de início, diferencia a amizade da caridade. Esta última, sendo um amor que opera indiscriminadamente, corresponde ao segundo mandamento do Cristo, ou seja, aquele que nos manda amar o próximo. Não amamos os amigos, porém, como se fossem um outro qualquer. Seria então essa forma de amor, que é a amizade, justificável a partir de uma perspectiva espiritual? A resposta de Simone Weil é afirmativa, mas para compreendê-la integralmente devemos expor as suas razões pouco a pouco. Ela acredita que além dos dois mandamentos relacionados ao amor que Cristo nos legou – o amor a Deus e o amor caritativo ao próximo –, pouco antes de sua morte ele nos ofereceu, ofertando aos seus discípulos, um terceiro mandamento: o de amar uns aos outros<sup>6</sup>. Esse mandamento de Cristo, contrariamente ao que se possa imaginar, não prescrevia o apego dos discípulos entre si, enquanto um grupo privilegiado. Como entendê-lo então?

---

<sup>4</sup> SIMONE WEIL, *L’amour de Dieu et le malheur*, in Id., *Attente de Dieu*, Paris, Fayard, 1966, 108 (doravante citado como AD).

<sup>5</sup> AD, 198.

<sup>6</sup> Cf. AD, 206-207 e SIMONE WEIL, *La connaissance surnaturelle*, Paris, Gallimard, 1950, 76 e 248 (doravante citado como CS).

Com o intuito de explicar esse modo de amor que é a amizade, Simone Weil recorre a Platão, não ao *Lísias*, diálogo que, salvo engano de minha parte, ela jamais cita em sua obra, mas sim a um trecho, para ela absolutamente essencial, da *República*, no qual é estabelecida uma diferenciação entre o bem e o necessário<sup>7</sup>. Por isso ela nos explica que podemos vincular-nos a alguém ou porque necessitamos dele ou porque buscamos nele um bem. Embora esses motivos possam por vezes coincidir, eles “por si mesmos são distintos e completamente independentes”<sup>8</sup>. Ela tenta ilustrar essa idéia por meio de alguns exemplos: ao estarmos famintos, comemos por necessidade até mesmo alimentos repugnantes, mas um bom *gourmet* busca iguarias especiais como um bem, podendo privar-se delas tranquilamente. Do mesmo modo, alguém que esteja sufocando necessita de ar, mas pode-se escolher como um bem ir ao campo para poder respirar ar puro, sem se ter necessidade disso. Todavia, acontece, às vezes, que algo que foi buscado como um bem passa a constituir-se para nós em uma necessidade, e este processo é, como ela nos diz, “uma das grandes dores humanas”<sup>9</sup>. Simone Weil exemplifica isso com o caso de alguém que tendo se interessado pelas drogas, ao esperar encontrar por meio delas um estado superior e especial, acabasse sendo degradado através desse consumo a um penoso estado de dependência, no qual o bem inicialmente almejado passaria a ser uma necessidade premente e inadiável que compelia esse indivíduo para as drogas e o aprisionaria a elas.

Poderíamos então ser levados a crer que bastaria que desejássemos o bem de um ser humano, ou que buscássemos nele um bem, para que pudesse se estabelecer um vínculo de amizade entre nós e ele. Simone Weil, contudo, pensa justamente o contrário, a saber, para ela, ao não existir uma contradição entre o bem desejado e o bem buscado, não pode haver amizade entre essas pessoas. Por quê? Porque ela se fundamenta em um fragmento pitagórico de origem desconhecida, transmitido-nos por Diógenes Laércio, para pensar a amizade. Esse enigmático fragmento afirma: *phílian te einai enarmónion isóteta*, ou seja, “amizade é uma igualdade <feita> de harmonia”<sup>10</sup>. A esse fragmento ela justapõe um outro, este de Filolau, que afirma que: *tà mèn ôn homoîa kai homóphyla harmonías oudèn epedéonto*, ou seja, “as coisas consímiles e congêneres não precisam de harmonia”<sup>11</sup>. Ao ser assim, é preciso então que subsista uma contradição, pois a harmonia, como igualmente afirma Filolau em outro fragmento, é constituída de contrários<sup>12</sup>. Simone Weil acredita que essas reflexões se apliquem aos homens, pois embora eles sejam consímiles e congêneres do ponto de vista biológico, o pensamento os separa, pois todo homem ao dizer “eu” sente-

<sup>7</sup> Cf. PLATÃO, *República* 493c.

<sup>8</sup> AD, 198.

<sup>9</sup> AD, 199.

<sup>10</sup> H. DIELS – W. KRANZ, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, Berlin, Weidemann, 1951-2, DK 58 B33.

<sup>11</sup> DK 44 B6.

<sup>12</sup> DK 44 B10.

se com isso no centro do mundo, deslocando os outros para a periferia como meros pontos sem qualquer importância<sup>13</sup>.

Isso significa que quando necessitamos em algum grau de um outro ser humano, não podemos desejar-lhe seu bem, pois para isso teríamos de prescindir de nosso próprio bem. A contradição consiste em que “o bem central” para todo homem é o “poder dispor livremente de si” e, quando necessitamos de alguém, entramos necessariamente em uma relação de coação e dominação de uma parte pela outra. Logo, ou se renuncia a essa livre disposição de si, idolatrando assim o outro, ou se deseja que o outro fique privado desse bem. Em outras palavras, pode-se transferir para um outro essa posição central, deslocando-nos de nosso centro e vivendo a partir do outro, mas isso ela acredita ser uma outra forma de violência, pois agora somos nós que nos convertemos em um ponto insignificante visto a partir desse centro que passou a ser o outro<sup>14</sup>. Simone Weil explicita que muitíssimos laços afetivos apresentam essa dureza férrea da necessidade, como, por exemplo, o amor materno e, com menor frequência, o paterno, o amor carnal intenso e, principalmente pelo hábito, também o conjugal, e mais raramente o amor filial ou fraterno. Mas, como sabemos realmente que algo é necessário? Ao provarmos, ela nos responde, por ocasião de sua perda, “uma diminuição da energia vital”, energia que estava ligada a um outro pelo apego que tínhamos em relação a ele. Mas, qual seria então a causa dessa necessidade? E ela nos responde diretamente: uma combinação de simpatia e hábito. Assim como nos casos de avareza ou de intoxicação ocorre uma substituição do bem pelo necessário, igualmente se passa no caso dos laços afetivos, com a diferença que nesse caso os dois motivos, ou seja, a busca do bem e do necessário, podem coexistir, embora também possam estar separados.

Caso um vínculo a um outro ser humano esteja constituído apenas pela necessidade, isso é algo terrível. Em suas palavras: “poucas coisas no mundo podem alcançar esse grau de fealdade e horror”<sup>15</sup>. A estratégia de nossa alma é fingir que não há essa dependência, é fabricar alguma ilusão para disfarçar essa fealdade ou alguma mentira para ocultar esse horror. Um horror que nos obriga a não podermos desejar simultaneamente a nossa autonomia e a do outro. Para que isso possa ocorrer é preciso que intervenha uma terceira instância, que ela denomina a “intervenção milagrosa do sobrenatural”, e nisso consiste para Simone Weil o milagre da amizade. Em outras palavras: só haverá amizade quando e somente quando subsistir uma contradição, como a que existe entre a necessidade e a liberdade, “esses dois contrários que Deus combinou ao criar o mundo e os homens”<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> Cf. SIMONE WEIL, *Commentaires de textes pythagoriciens*, in *Oeuvres*, Paris, Gallimard, 1999, 606 (doravante citado como O).

<sup>14</sup> Cf. O, 606.

<sup>15</sup> AD, 201.

<sup>16</sup> AD, 202.

É fundamental, por conseguinte, para que a amizade se manifeste, que haja reciprocidade entre as duas partes envolvidas, pois quando existe o desejo de subordinar o outro ou de subordinar-se a ele, então não poderá haver amizade, pois não há verdadeira amizade na desigualdade. Se uma das partes não preza a autonomia da outra, esta deve romper a relação, pois deve respeitar a sua própria liberdade. Por essa mesma razão, não é possível ao que aceita se escrivizar que ele possa vir a conhecer o que seja a amizade. Há, contudo, a possibilidade de que a necessidade esteja presente somente de um lado e, nesse caso, só poderá haver amizade de uma das partes. Há, por fim, a possibilidade excepcional de que ambas as partes estejam com a mesma necessidade uma da outra, de modo que haverá então um mútuo reconhecimento da autonomia do outro. Neste caso, pode-se falar de justiça natural, mas, como Simone Weil nos explica, “a justiça que se produz desse modo não constitui uma harmonia, sendo uma justiça sem amizade”<sup>17</sup>. Essa possibilidade encontra apoio explícito em uma passagem de Tucídides, que afirmava que sendo os homens como são, o justo só é examinado se há uma igual necessidade de ambos os lados, caso, contrário, se um for mais forte e o outro mais fraco, o que é feito pelo primeiro é aceito pelo segundo<sup>18</sup>. Por isso, Simone Weil considera incompreensível que na tradição aristotélica-tomista a amizade seja considerada como algo que deve ocorrer entre iguais. Em um de seus últimos escritos, ao analisar a parte de J. Maritain um comentário de Tomás de Aquino ao livro sétimo da *Ética a Nicômacos* de Aristóteles, ela se indigna com essa tradição e termina se perguntando: caso Tomás de Aquino e J. Maritain tivessem razão, como então o Cristo poderia ser amigo de seus discípulos? Para ela, “todo o cristianismo é absolutamente contrário a esse pensamento”<sup>19</sup>.

Simone Weil analisa com rigor as formas impuras de amizade em um trecho de imensa beleza e penetração psicológica que vale a pena citar na íntegra: “toda a amizade é impura se nela se encontra, mesmo que em estado de vestígio, o desejo de agradar ou o desejo inverso. Em uma amizade perfeita estes dois desejos estão completamente ausentes. Os dois amigos aceitam, completamente, ser dois e não um, respeitam a distância que põe entre eles o fato de serem duas criaturas distintas. É somente com Deus que o homem tem direito a desejar estar diretamente unido”<sup>20</sup>.

O milagre da amizade consiste então na capacidade de poder “olhar à distância e sem aproximar-se” o ser que lhe é necessário como alimento. A amizade expressa, portanto, uma “virtude sobrenatural”, na medida em que, apesar da necessidade, ela permite que se deseje a autonomia do outro. Nisso, para Simone Weil, ela contém algo de impessoal, pois embora contenha o afeto pessoal que vincula as duas partes entre si, possui algo como “uma completa indiferen-

---

<sup>17</sup> O, 606.

<sup>18</sup> Cf. O, 606.

<sup>19</sup> CS, 327-8.

<sup>20</sup> AD, 203-4.

ça”. E ela está ao alcance de todos, pois como todos estamos apegados a laços afetivos necessários, o que essa virtude nos pede é que sejamos capazes de transformar esse afeto em amizade. Sendo assim, a amizade é universal, pois “consiste em amar a um ser humano como se desejaria poder amar em particular a cada um daqueles que compõem a espécie humana”<sup>21</sup>. Essa universalidade reside, portanto, nesse consentimento em conservar a autonomia de si mesmo e do outro. Se duas pessoas crêem ser somente uma, não pode haver entre elas um laço de amizade. Mesmo que essa união se dê entre esposos, ela será adúltera e impura. Somente pode haver amizade, por conseguinte, onde a distância é “conservada e respeitada”. Uma observação arguta faz Simone Weil advertir, em uma luminosa passagem, que “o simples fato de ter prazer em pensar sobre um ponto qualquer da mesma maneira que o ser amado ou, em todo caso, o fato de desejar uma tal concordância de opiniões, é um prejuízo para a pureza da amizade e, ao mesmo tempo, para a probidade intelectual”<sup>22</sup>. Esse mesmo rigor e retidão em sua vida, essa mesma incontida paixão pela verdade já a tinham feito expressar em uma auto-admoestação a seguinte exigência: “Aprende a rejeitar a amizade, ou, antes, o sonho da amizade. Desejar a amizade é uma grande falta. A amizade deve ser uma alegria gratuita, como aquelas que nos dão a arte ou a vida (como as alegrias estéticas). É necessário rejeitá-la para ser digno de recebê-la. Pertence à ordem da graça.[...] Desejar escapar à solidão é covardia. A amizade não se busca, não se sonha, não se deseja; exercita-se (ela é uma virtude)”<sup>23</sup>. Ou em um outro passo vigoroso: “O dia, se ele realmente chegar, em que uma verdadeira amizade te for dada, não haverá oposição entre a solidão interior e a amizade, pelo contrário. É precisamente por esse sinal infalível que tu a reconhecerás”<sup>24</sup>.

Quando as pessoas não são bem sucedidas em transformar os laços afetivos que têm em amizade, as conseqüências são funestas, pois o afeto se mesclará ao ódio e à repulsa. Isso é assim, na medida em que tanto “odiamos aquilo de que dependemos” quanto “desgostamo-nos daquilo que depende de nós”.

Assim, quando o Cristo recomendava a seus discípulos que se amassem reciprocamente, não estava prescrevendo a eles o apego, antes, ciente do fato de que “havia entre eles laços criados pelos pensamentos comuns, a vida em comum, o hábito. Ele mandava transformar estes laços em amizade para evitar que se convertessem em apego impuro ou em ódio”<sup>25</sup>. Mas o maior perigo não consiste em colocar um outro no centro de nossa vida, mas sim em colocar o “nós”, o coletivo, o animal social, como Simone Weil sempre diz, apoiando-se no célebre passo acima citado da *República*. Esse perigo é terrível, pois não há necessidade

---

<sup>21</sup> AD, 205.

<sup>22</sup> AD, 205-6.

<sup>23</sup> SIMONE WEIL, *Oeuvres Complètes, Cahiers*, tome VI, volume 1, 144 (doravante citado como OC VI/1).

<sup>24</sup> OC VI/1, 88.

<sup>25</sup> AD, 206-207.

de mediação entre membros de um mesmo grupo, não podendo haver harmonia entre eles, na medida em que não há distância entre eles por onde Deus possa penetrar. Por essa razão, Simone Weil nos esclarece que “nada é mais contrário à amizade do que a solidariedade, trate-se de uma solidariedade causada pela camaradagem, pela simpatia pessoal ou pela pertença a um mesmo meio social, a uma mesma convicção política, a uma mesma nação, a uma mesma confissão religiosa”<sup>26</sup>. De modo que não devemos confundir um bem relativo, o social, com um bem absoluto, Deus. Confusão essa em que, segundo ela, incontáveis cristãos incorreram ao longo dos séculos.

Para Simone Weil, “a amizade pura é uma imagem da amizade original e perfeita que é a da Trindade, e é a essência mesma de Deus. É impossível que dois seres humanos sejam um e, não obstante, respeitem escrupulosamente a distância que os separa, se Deus não está presente em cada um deles. O ponto de encontro das paralelas está no infinito”<sup>27</sup>. É preciso, portanto, manter a contradição entre o necessário e o bem para que uma mediação se estabeleça, ou seja, para que surja a amizade é preciso que, apesar da necessidade desigual que sentimos uns pelos outros, desejemos igualmente um consenso mútuo. Caso isso não ocorra, teremos então a dominação dos mais fortes, pois, segundo Tucídides nos conta no célebre, e por Simone Weil citadíssimo, episódio dos atenienses na ilha de Delos, é certo, dentre os homens, que sempre, por uma necessidade natural, aqueles que possuem o poder comandem e aqueles que não o possuem obedeçam. Para que isso não ocorra é preciso um terceiro, um mediador. É precisamente a mediação constitui, para Simone Weil a função fundamental da geometria grega. Ora, essa mediação de que falavam os gregos era para Simone Weil precisamente uma antecipação, uma profecia, em suas palavras, do Cristo, dado que Ele é verdadeiramente esse terceiro, esse mediador por excelência entre Deus e os homens<sup>28</sup>.

Mas, por fim, como entender a separação, a ausência a que aludimos no início de nosso texto? Uma luminosa passagem de Simone Weil – apoiada em uma tradução literal do *Chandogya-upanishad* que ela fazia e adaptava às suas idéias na ocasião – parece ser auto-evidente. Cite-mo-la na íntegra. “Perder alguém: sofre-se porque o morto, o ausente, tornou-se imaginário, falso. Mas o desejo que dele temos não é imaginário. Descer em si mesmo onde reside o desejo que não é imaginário. Fome; imagina-se alimentos, mas a própria fome é real; agarrar-se à fome. A perda de contato com a realidade é o mal, é a tristeza. Há situações que causam esta perda, privação, dor. O remédio é considerar a própria necessidade como intermediário para atingir a realidade. A presença do morto é imaginária, mas a sua ausência é bem real; ela é a partir de então seu modo de aparecer”<sup>29</sup>. Esse é um dos principais ensinamentos de Simone Weil,

---

<sup>26</sup> O, 609.

<sup>27</sup> AD, 207.

<sup>28</sup> Cf. O, 596-7.

<sup>29</sup> OC VI/1, 301.

ou seja, devemos ser capazes de ler os acontecimentos do mundo, de modo que possamos alegrar-nos com a ausência de Deus nesse mundo, pois a Sua forma de presença nesse mundo é precisamente a Sua ausência. Igualmente o que a amizade prescreve fazer é uma adesão total à realidade. Caso nosso amigo não mais esteja presente, não devemos nos iludir com a sua presença imaginária (a imaginação jamais deve procurar preencher esse vazio), mas sim constatar a sua ausência, pois esta é real. Somente quando formos capazes de amar a sua ausência – ao compreendermos que se esta fosse a ausência de um outro qualquer, ela, a bem da verdade, não seria uma ausência, mas, sendo a ausência de um amigo, a sua ausência é apenas e tão-somente o outro modo da manifestação da amizade – seremos capazes de considerarmo-nos realmente seu amigo.

Para concluir, quero confessar, no tom intimista com que iniciei este texto, que se há mais de dez anos, ao escrever pela primeira vez ao Pe. Vaz – na época um completo desconhecido para mim, que retornava de longos anos de estudo de Filosofia da Alemanha –, fui premiado com a gratuidade de sua amizade, agora, no silêncio e vazio que restaram após a sua morte, aprendo dia a dia a conviver não mais com a sua presença, mas sim com o outro momento dessa mesma e única amizade, a sua ausência.

Endereço do Autor:  
Rua Expedicionário Celso Racioppi, 789 - Apto. 701  
31310-070 Belo Horizonte — MG

#### ERRATA:

Síntese V. 30, n. 97 (2003).  
Na Capa, Sumário e pág. 149 — Nome completo do autor: Franklin Leopoldo e Silva.